
Giovanni Traettino

Boas-vindas e Agradecimento

Enquanto olhamos com confiança para a possibilidade de uma Consulta AFI “presencial” em 2022 (esperamos!), agradecemos a Deus, e à tecnologia incorporada, pela oportunidade, após a do ano passado, de uma segunda Consulta online. Pela qual expresse o meu agradecimento pessoal, do Executivo, ao Secretariado por ter trabalhado nisso, ao pessoal técnico que hoje a torna possível e que continua trabalhando. Obrigado!

Agradeço também ao Executivo pelo esforço empenhado na preparação do **Programa**, a disponibilidade e “o esforço” dos dois palestrantes na preparação das contribuições que nos ajudarão a refletir nestes dois dias, a contribuição de um dos nossos “pais” para o “Devocional” de amanhã. Do seguinte modo:

1. O primeiro, *Pastor Carlos Mraida*, sobre o tema “*O fim de quem éramos, o começo de quem realmente somos - Trinta Estratégias Apostólicas*”.
 2. O segundo, o *Pastor Vinci Barros*, sobre o tema “*Jesus, o Modelo da obra*”.
 3. Amanhã de manhã, o *Pastor Ernest Komanapalli* para o “Devocional”.
-

Introdução

Novos paradigmas - Uma importante mudança

O *Pastor Carlos Mraida*, sou grato a ele, pela sua excelente e estimulante contribuição a esta sessão da AFI, fala deste tempo marcado pela pandemia do Covid como de uma passagem crucial para “um novo tempo”; de uma transição “histórica” de “novos paradigmas” e *testemunho* de uma mudança cultural importante. Seria um tempo “fluido”, de passagem para uma nova era [da modernidade para a pós-modernidade], de uma mudança real - revolucionária - de época. Novos paradigmas, mudança, são as palavras-chave.

A pedra de Referência (Modelo)

O *pastor Vinci Barros*, por outro lado, também sou grato a ele. Ele chamou - também estrategicamente para este tempo - a nossa atenção para a pessoa de Jesus (Cristo no centro! “*Quando eu for elevado ... atrairei todos a mim.*”), para a vida e caminho de Jesus, para a importância crucial *para nós*, da imitação de Cristo. Portanto, de sermos discípulos! De fato, somos chamados em todos os tempos, em todas as épocas e culturas, a olhar para Cristo, a contemplar o rosto de Cristo, a sermos discípulos de Cristo, sendo “*transformados à sua imagem, de glória em glória, segundo a ação do Senhor, que é o Espírito.*”¹

¹ 2Cor3:18

Novidade e Continuidade

Em suma, somos exortados por um lado - mesmo neste “tempo” - a permanecermos abertos à mudança do “reino” que vem em nossa direção do futuro. Por outro lado, permanecermos fiéis e fundamentados na "pedra de referência (modelo)", "a rocha" dos séculos, eterno e imutável, que é o Senhor. Ele é "o mesmo ontem, hoje é para sempre"². Esse é o “perfil” trans-secular, intercultural e eterno do Filho de Deus, do Senhor, de Cristo.

Pensar por paradigmas

Recentemente li uma bela e esclarecedora página do conhecido teólogo evangélico Robert E. Webber. Sobre a importância do pensamento paradigmático, ou melhor, do “pensar por paradigmas”³. Ele argumenta que essa abordagem, aplicada à história do Cristianismo, nos ajuda a entender que "desde o princípio a fé cristã foi filtrada pela variedade das culturas". E que "em cada uma dessas culturas o cristianismo foi, antes de tudo, comunicado por meio de um ou mais princípios ('paradigmas') dominantes." E exemplifica. Na era clássica, o paradigma do "Mistério", na Idade Média o da "Instituição", o "Individualismo" durante a Reforma, a "Razão" (o Iluminismo) na era moderna e, por último, agora, na era pós-moderna, novamente o paradigma do "Mistério". O que nos diz que, de maneira talvez inconsciente para nós, também somos filhos de nosso tempo e provavelmente estamos pensando, em maior ou menor grau, com o/os paradigmas de nosso tempo; e, da mesma forma, também “filtrando” a nossa ideia de cristianismo.

Webber sugere ainda:

- “O pensamento paradigmático também nos fornece uma maneira inteligente de como lidar com os tempos [as estações] de transição. Por exemplo, sabemos atualmente que a fé cristã incorporada na cultura moderna, com seu pressuposto filosófico de um mundo mecanicista compreendido por meio da metodologia empírica, está se desgastando. As revoluções culturais estão nos introduzindo em uma nova era. Neste turbilhão de mudanças, muitos procuram incorporar honestamente a fé histórica na cultura emergente. Este objetivo não será alcançado abandonando o passado, mas buscando a estrutura transcultural da fé (isto é: a regra de fé) que foi abençoada com uma particularidade sociocultural em cada período da história da Igreja”⁴.
- **“Portanto - conclui ele - o ponto de integração com uma nova cultura não é restaurar aquela (antiga) forma cultural do Cristianismo, mas recuperar o quadro de fé universalmente aceito que começou (que se originou) com os apóstolos, foi desenvolvido entre os padres, foi transmitido pela igreja em suas tradições litúrgicas e teológicas.** Essa hermenêutica⁵ nos permite enfrentar as mudanças culturais com integridade. Nosso chamado não é reinventar a fé cristã, mas, em relação ao passado, dar sequência ao que a Igreja sustentou desde o início.

² Hb13:8

³ Robert E. Webber, *Ancient – Future Faith* – “Rethinking evangelicalism for a postmodern world”, Baker Book House, 1999, pp. 16-17

⁴ *Op. Cit.* pp16-17

⁵ “Interpretação”. De acordo com os textos. Mas, como neste caso, também da existência humana.

Nós, portanto, mudamos, como disse um amigo meu, “**não para sermos diferentes, mas para permanecermos os mesmos.**” Neste momento, estamos envolvidos na transição da modernidade para os tempos pós-modernos. Então, vamos dar uma olhada mais de perto nesta passagem para ter uma ideia de como devemos mudar para permanecer os mesmos.”⁶

O Pastor Mraida, em sua apresentação, creio que queira nos ajudar a fazer esta passagem. Em uma estação "líquida" como a nossa, nos colocando à disposição para a mudança "para permanecermos os mesmos". E, portanto, ao compreender o fluxo e a sucessão das épocas, com os paradigmas que as caracterizam, discernir “o depósito” permanente, transgeográfico e "transcultural", *o fio vermelho*, [os elementos constitutivos e fundamentais] da “*fé que foi transmitida aos santos uma vez para sempre*”. E, portanto, na mudança dos tempos e das estações, na sucessão das gerações e na "turbulência da história", a substância e a identidade permanentes - da "verdadeira" Igreja. Permita-me usar este adjetivo uma vez. Isso quer dizer *a substância e a continuidade* da "igreja" nas circunstâncias históricas em mudança, regimes políticos, estruturas econômicas e modelos sociais, costumes e formas de pensar. Numa palavra da “cultura que somos” - lembra-nos Mraida - e que produzimos.

Antiguidade e modernidade da Crença Apostólica e da Crença de Nicea- Costantinopla.

A *Crença Apostólica* - provavelmente do segundo século - é acreditada e confessada pela igreja antiga, sempre ao longo dos séculos, e ainda hoje por todos os cristãos. É um desses documentos fundamentais; que preservaram, mesmo que "lidos" em todas as culturas que atravessaram, alguns dos elementos constitutivos e fundamentais, perenes, da fé cristã. Penso em particular na Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo), na sua função "geradora" da Igreja. A igreja da Trindade. Na verdade, é mencionado - “*Creatura Spiritus*” - no mesmo artigo, o terceiro, o do Espírito Santo.

Creio então, e em continuidade com o primeiro, na fé expressa na *Crença de Nicéia – Costantinopla* nas características distintas da igreja: “*Creio na Igreja unica, santa, católica e apostólica*”. Para as Igrejas Antigas como nas Pós-modernas, permanecem fundamentais: Unidade, Santidade, Catolicismo e e Apostolado. E apostolado, o fundamento apostólico - naturalmente sobre o fundamento de Cristo - para promover a unidade, a santidade, a catolicismo e - aqui também acreditamos - o apostolado.

Um desafio espiritual e cultural - e voltamos aos sonhos (em parte já sonhados, mas ainda não totalmente realizados), ao que sonhamos para os tempos que temos à frente, que deve ser acolhida, tornada nossa, “casada” de maneira especial por “Companheirismo”, melhor para mim “*koinonia*”, como é chamada a ser a *Apostolic Fellowship International*, a AFI. Com a coragem de **estar na fronteira** que nos indica a Crença Apostólica, para transportar «*a fé recebida de uma vez*

⁶ Op. Cit. pp. 16 - 17

por todas dos santos» no tempo que vem ao nosso encontro do futuro. E no qual - quando chegarmos à "plenitude" prometida - será realizado. Porque "o futuro pertence ao Senhor". Este é o horizonte da Escritura. Nós acreditamos nisso. Os "apocalipses" temidos por muitos são apenas os cenários, as estações pelas quais, como peregrino, "a noiva" é chamada a passar; em um caminho de iluminação e transformação progressiva que leva à "plenitude" - parcial, mas real - do propósito de Deus para cada indivíduo e igreja em sua geração. Depois, para toda a igreja, todo o Corpo de Cristo, em seu Retorno, no tempo do fim, a igreja do Cordeiro, a das bodas finais. Neste momento, deixamo-nos guiar pela declaração de intenções da nossa "família espiritual". O caminho para nós é a vida de Cristo na pós-modernidade. A vida para nós é a vida de Cristo na pós-modernidade. O modelo para nós é o modelo de Cristo. Até às bodas do Cordeiro. Até às boas-vindas finais

Ismael e Isaque

Um último aviso. Em cada geração, "a Igreja-Abraão" deu a luz a seus Ismael e seus Isaque. E Isaac a seus Esaú e seus Jacó ... E assim por diante. No Egito, no deserto, na terra prometida ... Não nos deixemos desanimar. Graças a Deus há coisas boas em cada estação. Graças a Deus pelos Isaque, os José, os Jacó ... Mas queremos agradecer a Deus por todos eles. E, lição importante! Depois de dar à luz, não queremos matar Ismaels. Não queremos desprezar o Egito, queremos aprender com os desertos. Tudo coopera para o bem daqueles que O amam. ELE nos ama!

Giovanni Traettino